



Uma prophetiza na cidade do Porto

Nosso povo não pôde alhear-se da influencia que em todas as raças tem exercido culto e enthusiasmos por tudo quanto se apresenta com a feição sobrenatural; a imaginação exalta-se perante o inexplicavel e o incognoscivel, e se as massas populares andam emocionadas pela influencia morbida d'alguma calamidade, então mais avulta a sua exaltação qualquer successo estranho, mais a crueldade se evidencia sem inquirir motivos nem perscrutar origens: tudo o povo acceita como miraculoso, venha d'onde vier.

Basta lançarmos a vista para os acontecimentos que se deram em Portugal por occasião do grande desastre d'Alcacer Quivir e depois no periodo da dominação de Castella, para nos convencermos d'isto. O povo é naturalmente inclinado a abraçar com ardor e a acceitar com vehemencia o que traz o cunho de sobrenatural; mas se o povo anda abatido por alguma desgraça que envolve em luto a patria, mais activa é a sua credulidade.

Pinheiro Chagas, na *Historia de Portugal*, tambem é d'esta opinião, como revela este trecho:

Quando uma grande desgraça fere um povo, quando uma nacionalidade se afunda n'um violento cataclysmo, o espirito publico, abatido pela desventura, refugia-se no maravilhoso, e sente despertar com energia a sua confiança na Providencia, á medida que vae perdendo a esperanza de readquirir por meios humanos a sua liberdade.

Só assim se explica o que se passa entre nós com relação aos imaginarios typos que se inculcavam o D. Sebastião; só assim se pôde achar motivo para serem acceitas n'essa desgraçada epoca as prophcias do Bandarra.

Pois o Porto possuiu tambem uma prophetiza de ampla nomeada e que foi rodeada de justas considerações, uma vidente cujos vaticinios não só illuminaram a epo-

ca das celebridades sebastianistas, mas ainda vieram a ser repetidas e a fulgurarem em pleno seculo XIX nos horisontes das acariciadas aspirações com que alguns partidarios de D. Miguel ainda queriam vêr a reconstituição da monarchia absoluta.

A prophetiza do Porto não era de tão baixa condição como o afamado sapateiro *Gonçalves Annes Bandarra*; era uma religiosa de vida exemplarissima, uma freira do convento de Monchique, um exemplar de virtudes, um modelo venerando da vida claustral a quem o povo dedicava piedosas homenagens e celebrava as contínuas penitencias e acrisoladas dedicações.

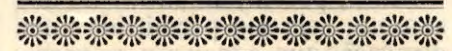
E como a sua historia foi escripta pela honrada penna de um dos seus admiradores e como as suas prophcias estão publicadas em mais do que uma edição, vou dizer o seu nome e lembrar os traços mais importantes da sua biographia.

A Madre Leocadia, que no seculo se chamou Leocadia da Conceição, nasceu em Freixo d'Espada á Cinta em 1596, e aos quatorze annos entrou, a pedido da Condessa de Miranda, para o convento da *Madre de Deus* de Monchique, no Porto, professando a seu tempo a regra das *observantes de São Francisco*, que era a ordem a que pertencia esta casa claustral.

A leitura mystica a que se consagrava, os exercicios de rigorosa penitencia a que se deu, a humildade dos vestidos que trazia e os constantes jejuns a que se votou, tudo isto lhe grangeou em breve uma reputação de santa. Além d'isso as suas relações com os prelados que no seu tempo houve no Porto e que foram D. Nicolau Monteiro, D. Fernando Correia de Lacerda e D. João de Souza, as visitas que recebia da Condessa de Miranda, do Marquez de Castello Melhor, do Conde da Feira e de

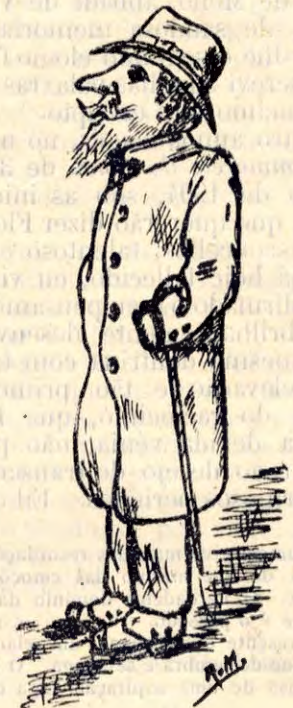
muitas pessoas nobres da cidade, a consideração em que a tinham na côrte de Lisboa até onde chegou a fama das suas virtudes e os exercicios espirituaes e praticas de piedade em que era dirigida pelos ecclesiasticos de mais auctoridade n'esse tempo, a começar pelo Padre Balthazar Guedes, benemerito fundador do Collegio dos Orphãos: taes eram os titulos em que se firmava a sua auctoridade perante as suas compaheiras.

(Continúa).



O rapaz mais bonito do Porto

Resposta á pergunta n.º 157 — (Concurso de belleza):



Seria este?

R.

Uma prophetiza na cidade do Porto

(CONCLUSÃO DA PAG. 85)

Foi venerada em vida e celebrada na morte, pois além do seu funeral ser uma verdadeira apothese, o seu tumulo ficou como objecto de especial veneração até ao dia em que, extintas as ordens religiosas, o seu convento caiu em ruínas.

Com todo este prestigio e com essa auréola de glorificações tão dignamente conquistada pela virtude, é facil explicar a acceitação que tiveram as suas visões e a influencia com que foram meditadas as suas prophcias tanto na epoca em que o animo dolente do povo creou os sebastianistas como ainda por largo espaço em momentos criticos da vida nacional.

Como ligeira amostra copiamos o seguinte:

«Certo dia, indo a serva de Deus para a sua capellinha, como costumava, viu que da parte de dentro estava, deitado por terra, um homem a quem uma soberba armadura d'aço cobria dos pés á cabeça; no braço esquerdo sustentava um escudo, no qual se viam gravadas as armas d'este reino, e na mão direita um bastão; á cabeceira d'este homem elevava-se uma arvore, em cujo remate estava a imagem de Jesus crucificado; junto d'esta arvore, um homem vestido de ermitão conservava-se de joelhos e com as mãos postas; da parte direita, ficava de pé uma mulher, vestida de branco, de cuja cabeça bem composta pendia um véu que lhe cobria o rosto, sustentando na mão direita uma custodia, e na esquerda uma cruz; do lado esquerdo da arvore, estava um *gentil mancebo* com o estandarte das sagradas quinas d'este reino, e, após este, um homem mais idoso envergava umas vestes de côr roxa.

N'estes tempos não se passava um dia que a serva de Deus não tivesse visões, porque todo o seu cuidado era encomendar muito a Deus a paz da Igreja e d'este reino. Gastava no côro muitas horas, e ordinariamente estava

acompanhada pelo *Encoberto*, que era aquelle homem que a serva de Deus viu deitado ao pé da arvore com que deparou na sua primeira visão. Fallava sempre á Leocadia em portuguez, mas nunca levantou a viseira do capacete, nem tirou a soberba armadura de aço que o cobria dos pés á cabeça. Leocadia dizia muitas vezes que aquelle homem era santo, porque nos dias em que ella communhava, via saír d'elle, por baixo da viseira, uma luz extraordinaria. Dizia claramente que era *El-Rei D. Sebastião*; e perguntando-lhe a serva de Deus onde habitava e quando havia de voltar a este reino, respondeu que só a Deus pertencia um tal segredo.

Estando Leocadia em oração, no côro, viu entrar um homem velho, mas bem parecido, todo vestido de armas brancas, ostentando na cabeça uma corôa que parecia imperial e trazendo muitas outras no braço esquerdo; em seguida, appareceram outros homens, vestidos de varias fôrmas, os quaes, á maneira que chegavam, faziam profunda vénia ao Santissimo Sacramento, ajoelhavam aos pés do velho, beijavam-lhe a mão, e este ministrava a cada um uma das corôas que trazia, collocando-lh'a na cabeça.

Tomavam os seus logares em fôrma de circulo, e assim se conservavam silenciosos.

Pouco depois Leocadia viu entrar um *mancebo de gentil aspecto e agradaveis maneiras*, á chegada do qual todos se levantaram e curvaram respeitosos; e o velho, tomando-o nos braços, tirou da sua propria cabeça a corôa que a cingia e a collocou na d'aquelle mancebo que unia a seu peito.

Por ultimo appareceu um ecclesiastico; aproximou-se do velho, ajoelhou a seus pés, e quando se dispunha a beijar-lhe a mão este voltou-lhe as costas e desapareceu com todos os seus, deixando Leocadia estupefacta.

Então pareceu-lhe que uma voz se fazia ouvir na igreja, e, appli-

cando o ouvido, percebeu que alguem lhe respondia: — «Filha, a cadeia que viste, que só contém dezeseis élos, representa os dezeseis monarchas d'este reino, que são os mesmos que viste ha poucos dias n'este côro; aquelle velho que vos appareceu primeiro é D. Affonso Henriques, em quem teve começo a dynastia, por cujo motivo ia dando as corôas aos mais; o mancebo que viste é El-Rei D. Sebastião, em cuja cabeça poz o velho a sua corôa, depois de o haver recebido em seus braços; o ecclesiastico, que foi o ultimo com quem deparaste, é o Cardeal que entregou o reino a Castella e não a quem pertencia, por cuja traição o velho lhe voltou as costas, não lhe dando a benção nem a corôa; e a mão, que mais tarde viste, é a do anjo custodio d'este reino.

N'este ponto, aquella voz desapareceu no meio do maior silencio, deixando Leocadia mui alegre e satisfeita.»

A série das suas visões e o conjuncto das acções d'esta freira, que tão altamente subiu na escala de prophetiza, apparecem em dois livros já hoje pouco faceis de encontrar no mercado bibliographico; um é firmado pelo Padre Francisco Aracoeli e outro foi publicado em 1870 e vem subscriptado por *Uma religiosa do mesmo convento* em que Leocadia da Conceição viveu.

Ahi se revela a intensidade da fé que illustrou essa piedosa mulher, cujo espirito exaltado, nos extasis do mais requintado mysticismo, adejou pelos mundos da mais dolente aspiração em que se traduzia o pensar e o sentir da sua epoca, a aspiração nobilissima do povo que desejava reconquistar a autonomia e reconstituir as grandezas da patria, pois nem outra é a explicação que podemos dar ao sebastianismo.

Porto, 1903.

F. J. P.

Pela cópia,

João Nemo.

mente consta o que se passou na pseudo-capella, que era uma baraca de madeira, e a Pastoral do Bispo D. Jeronymo Isaac da Costa Rebello, de 4 de junho de 1841, em que prohibe o culto e veneração da tal capella.

Um velho alfarrabista.

Denominação das ruas

Chamado a capitulo pelo snr. Ibn Errik, respondo singelamente, pois que sobre a minha banca repousam innumerados maços de papeis, a que tenho de dar saída.

A prova, que o snr. Errik pretende, resulta implicita da exposição, que firmei e foi inserta em o n.º 41 de *O Tripeiro*.

A preposição —de—, na lingua portugueza, não póde denotar, quanto á hypothese, a significação, ou complemento, de—natureza, qualidade, especie, contido, dimensão, valor, quantidade, mudança de condição, resultado, instrumento, prolongação de tempo, ou logar real ou virtual d'onde nos afastamos: logo só nos resta a de possessão. Parece obvio.

E dizia-nos, ha pouco, nas aguas de S. Vicente do Pinheiro, um dos nossos mais eminentes escriptores, residente em Lisboa: "... mas é justamente a possessão temporal o que, no caso, denota."

Possessão temporal! A possessão temporal não equivale a uma pura phantasia: a possessão temporal rege-se pelo direito constituido, não admittindo ficções, nem convencionalismos.

Argumente-se com o uso; sustente-se que o uso faz lei; mas reconheça-se o erro, e compenetremo-nos todos de que a opinião de meia duzia é impotente para se oppôr á evolução social, que tudo modifica, supplanta e avassalla.

Em toda a parte, quer as municipalidades, quer os cidadãos, vão supprimindo a preposição —de—, na hypothese de que se trata.

Póde este facto contrariar os misonistas; no entanto, a onda cresce, o evoluir é constante e indomavel.

Depois, onde está a coherencia dos misonistas ferrenhos? Elles querem: —Rua de Garrett, rua de Ivens, rua do Almada, etc.; e não admittem: —Theatro do Baquet, theatro de Gil Vicente, cruzador de Vasco da Gama, corveta de Bartholomeu Dias, espingarda de Mauser, penna de Rodrigues de Freitas, bolacha de D. Manuel, etc. Não é de morrer a rir?!

Abdon Maine.

Correspondencia entre leitores

RESPOSTAS

131 — **Lenga-lenga.** — Não foi José Daniel Rodrigues da Costa o auctor da amphiguri *Duzentos gallegos*, etc., pois que não fez mais do que reproduzir incompletamente um raro folheto publicado de 1740 a 1750, com o titulo:

Relaçam das novas cantigas dos Duzentos Gallegos. Compostas por Guan de Can graduado na dança dos galleguinhos, jubilado no toque da gaita, mestre de sacco, e aprendiz de pau, e corda. Compostella: Na Imprenson de Ruy da Boiça. — S/d — 4.º, 4 fl. s/n.

O local d'impressão é evidentemente supposto, porque o opusculo foi impresso em Lisboa, entre 1740 a 1750, como já dissemos.

Um velho alfarrabista.

139 — **Capella de Santo Antonio da Bandeirinha.** — Ainda existe esta capella junto ao predio n.º 38 da rua da Bandeirinha, do qual faz parte, embora de ha annos se não pratiquem n'ella actos de culto divino. E' um pequeno templo que passa desaperecebido ás pessoas que transitam por aquella rua, e foi mandado construir no ultimo quartel do seculo XVIII pelo sargento-mór Domingos Antonio Dias, n'uns terrenos que herdou de seu irmão, o padre José Joaquim Dias, e que fizeram parte da quinta das Virtudes.

No pequeno templo veneravam-se, além de Santo Antonio, seu orago, S. Domingos e Santa Gertrudes, nomes do seu proprietario e de sua cara esposa, para a qual o sargento-mór quiz ter esta gentileza, quem sabe se por ella o auxiliar no desempenho dos deveres da sargentaria.

Em tempo dava accesso para a capella uma escada de pedra que ha muitos annos foi demolida para desobstruir e aformosear a rua, mas os melhoramentos limitaram-se a isso, conservan-

do-se a rua ainda hoje no estado em que então se encontrava. O progresso ainda se não dignou dar um passeio até alli, embora a rua seja quasi no centro da cidade.

Por morte do sargento-mór foi o predio vendido por suas filhas ao commerciante José Antonio de Magalhães e Silva, que então residia em casa do Barão de Novoligide, na Torre da Marca, a a qual hoje pertence á casa real.

Depois da morte do sargento-mór deixaram de se realizar na capella os actos do culto.

J. M.

174 — **Dr. Vieira Pinto.** — Este conhecido bibliophilo foi delegado de saude no Porto. Era elle um colleccionador de obras antigas e louças da India; mas tinha tudo amontoado em casa, sem ordem nem methodo. Depois do seu fallecimento a livraria foi vendida em leilão e espalhada por muitos compradores; sendo esse o motivo porque o snr. Mendes Alves tem encontrado em varios leilões, volumes carimbados com o nome d'elle.

O dr. Vieira Pinto passava por ser um sabio. Mas, se o era, de certo que fazia uso da sciencia só para si proprio; porque não me consta que tenha dado á luz qualquer producto das suas locubrações.

Contava-se d'elle varios casos engraçados. De um sei eu, que, tendo entrado, para descarga, um navio com bacalhau avariado, o director da alfandega, que era, ao tempo, Pinto Balsemão, officiou-lhe para que procedesse a uma vistoria, afim de verificar se o bacalhau poderia ser despachado para consumo publico, ou se teria de ser inutilizado.

O sabio doutor foi a bordo do navio; e, tendo verificado que o carregamento se achava todo deteriorado, officiou ao director da alfandega, dizendo que, "effectivamente o bacalhau não estava em condições de ser admittido ao consumo publico; mas que aconselhava sua ex.ª a mandar dal-o de presente ao Asylo de Mendicidade".

Velho tripeiro.

NOVAS PERGUNTAS

177 — **Castello do Queijo.** — Poderiam ter e bondade de me dizer porque é que á fortaleza da Foz se chama Castello da Foz, á de Leça, Castello de Leça e á que fica entre as duas, Castello do Queijo?

Uma tripeira que gosta do seu "Tripeiro".

178 — **Igreja dos Grillos.** — Por que motivo a velha igreja que está proxima á Sé Cathedral do Porto, se denomina "dos Grillos"? Quaes são as razões para ser assim designada?

Nemo.

179 — **Torre Alvarrã.** — No principio da monarchia portugueza as principaes cidades tinham uma torre chamada Torre Alvarrã, onde era guardado o ouro e a prata comprados com o excedente das receitas publicas.

Poderá alguém informar-me onde estava situada a do Porto?

Raul Curious.

180 — **Campo do Robalo.** — Na epoca em que o Porto estava limitado ás muralhas de D. Fernando, existia, segundo ouvi dizer, fóra d'esses muros uma propriedade rustica intitulada Campo do Robalo. Poderá alguém dizer-me onde era?

Alberto Ribel.

181 — **Casa da Alçada.** — Tenho lido que no Porto havia uma casa onde a alçada se reunia. Poder-me-ha alguém indicar o sitio onde era, ou mesmo o predio, se por ventura existe ainda?

Y.

RECTIFICAÇÃO

Uma prophetiza na cidade do Porto

Bem informados, podemos agora dizer que as iniciaes *F. J. P.* que subscriviam este artigo são as do nome do Ex.º snr. P.º F. J. Patricio.